

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA
CURSO DE AGRONOMIA**

**CADEIA PRODUTIVA DE OVINOS NO DISTRITO FEDERAL E
ENTORNO: AS CONEXÕES ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO**

AMANDA DE SOUSA ORTLIEB

**BRASÍLIA, DF
2019**

AMANDA DE SOUSA ORTLIEB

**CADEIA PRODUTIVA DE OVINOS NO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO: AS
CONEXÕES ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO**

Monografia apresentada à Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília, como parte das exigências do curso de Graduação em Agronomia, para a obtenção do título de Engenheira Agrônoma.

Orientador:

PROF. Dr. ARMANDO FORNAZIER

**BRASÍLIA, DF
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

OR77c Ortlieb, Amanda de Sousa
Cadeia produtiva de ovinos no distrito federal: as conexões entre a produção e o consumo / Amanda de Sousa Ortlieb; orientador Armando Fornazier. -- Brasília, 2019. 41 p.

Monografia (Graduação - Agronomia) -- Universidade de Brasília, 2019.

1. Dificuldades. 2. Entraves. 3. Crescimento. 4. Ovinocultura. I. Fornazier, Armando, orient. II. Título.

Cessão de direitos

Nome do Autor: Amanda de Sousa Ortlieb

Título: Cadeia produtiva de ovinos no distrito federal e entorno: as conexões entre a produção e o consumo

Ano: 2019

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desse relatório e para emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva - se a outros direitos de publicação, e nenhuma parte desse relatório pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

AMANDA DE SOUSA ORTLIEB

**CADEIA PRODUTIVA DE OVINOS NO DISTRITO FEDERAL E
ENTORNO: AS CONEXÕES ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília, como parte das exigências do curso de Graduação em Agronomia, para obtenção do título de Engenheira Agrônoma.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Armando Fornazier
Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária – Universidade
de Brasília
Orientador

Prof^ª. Dr^ª. Sheila Tavares Nascimento
Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária – Universidade
de Brasília
Examinador

Prof. Dr. Rodrigo Vidal Oliveira
Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária – Universidade
de Brasília

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, meu guia e amparo, ao meu pai Friderico Guilherme Ortlieb e à minha mãe Silvana De Sousa. B. Ortlieb, pilares da minha formação como ser humano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final.

A todos os professores com quem tive contato na Universidade de Brasília, em especial aos Professores Armando Fornazier e Rodrigo Vidal Oliveira pela ajuda e orientação.

À Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília pela oportunidade concedida para realização do Curso de Agronomia.

Aos produtores de ovinos por se proporem a responder o formulário, fazendo com que o trabalho pudesse ser concluído.

Aos membros do Sindicato dos Criadores de Ovinos e Caprinos do Distrito Federal (SINCCO-DF) que fizeram com que o formulário chegasse aos produtores.

Aos meus amigos de faculdade que estiveram comigo desde o início do curso.

Ao meu namorado Gabriel Emiliano Pereira que sempre esteve pronto a me ajudar na estrutura do trabalho, aumentando o meu conhecimento tornando mais fácil o desenvolvimento do trabalho.

A minha irmã que foi a primeira a despertar o meu interesse pela profissão de Engenheira Agrônoma.

*“A maior recompensa para o trabalho do homem
não é o que ele ganha com isso, mas o que ele se
torna com isso.”*

(John Ruskin)

RESUMO

CADEIA PRODUTIVA DE OVINOS NO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO: AS CONEXÕES ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO

A ovinocultura é uma atividade que mesmo tendo muitos anos no Brasil possui muitos problemas na cadeia produtiva, por exemplo, na organização dos produtores e acesso aos mercados formais. O consumo de carne de ovino vem aumentando no Brasil e o interesse na produção de ovinos cresce cada vez mais na região Centro-Oeste e na região Sudeste. O Distrito Federal possui uma população que possui origem de várias regiões do país, há oportunidade para o consumo da carne ovina, principalmente de cortes nobres. Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo analisar a organização da cadeia produtiva de ovinos no Distrito Federal e verificar a relação da produção com o consumo. O trabalho contou com uma pesquisa de opinião aberta para ovinocultores pertencentes a RIDE-DF. A pesquisa era respondida de forma *online* na plataforma do Google Forms. Para que o desenho da cadeia produtiva de ovinos pudesse ser desenhada o questionário foi estruturado com o foco no abate clandestino, os produtores se depararam com perguntas relacionadas ao número de animais na propriedade, dificuldades, destino da produção, participação em associações, raças, e entraves, sendo perguntas abertas e de múltipla escolha. O formulário foi encaminhado a 57 produtores, para que esse formulário chegasse a esses produtores adotou-se o questionário *online*, sendo que somente 10 desses produtores responderam ao questionário. A faixa de idade dos rebanhos dos produtores que predomina é de 3 anos, os ovinos são abatidos de 4-6 meses de idade. As dificuldades enfrentadas pelos produtores são: custo de produção, preço de venda e a falta de frigoríficos especializados em abate de ovinos. A maior parte dos rebanhos é destinado a carne sendo a maioria comercializados na própria propriedade, e muitos contratos realizados de forma verbal. Grande parte dos entrevistados se recusaram a responder a forma de abate dos animais, dos que responderam 20% realizam o abate clandestino. Os produtores encontram dificuldades em expandir o seu produto em outros supermercados tornando difícil o acesso para os consumidores. O crescimento e a organização da cadeia produtiva de ovinos são impedidos pela falta de união dos produtores, a organização entre eles e a inexistência de registros relacionados ao abate e venda dos animais.

Palavras chaves: cordeiro, entraves, crescimento, carne.

ABSTRACT

EGG PRODUCTION CHAIN IN FEDERAL DISTRICT AND SURROUNDING: THE CONNECTIONS BETWEEN PRODUCTION AND CONSUMPTION

Sheep farming is an activity that despite having many years in Brazil has many problems in the production chain, for example, in the organization of producers and access to formal markets. The consumption of sheep meat has been increasing in Brazil and interest in sheep production is growing increasingly in the Midwest and Southeast. The Federal District has a population that comes from various regions of the country, there is opportunity for the consumption of sheep meat, especially noble cuts. In this context, the present work aimed to analyze the organization of the sheep production chain in the Federal District and to verify the relationship between production and consumption. The work had an open opinion survey for sheep farmers belonging to RIDE-DF. The survey was answered online on the Google Forms platform. In order for the sheep production chain design to be designed, the questionnaire was structured with a focus on clandestine slaughter, producers faced questions regarding the number of animals on the farm, difficulties, destination of production, participation in associations, breeds, and barriers, being open and multiple choice questions. The form was sent to 57 producers, so that this form could reach these producers, the online questionnaire was adopted, and only 10 of these producers answered the questionnaire. The age range of the predominant producers' herds is 3 years, the sheep are slaughtered at 4-6 months of age. The difficulties faced by producers are: cost of production, selling price and lack of slaughterhouses specialized in sheep slaughter. Most of the herds are for meat and most are traded on their own property, and many contracts are carried out verbally. Most of the respondents refused to respond to the way animals were slaughtered, of which 20% respond to illegal slaughter. Producers find it difficult to expand their product in other supermarkets making it difficult for consumers to access. The growth and organization of the sheep production chain is hampered by the lack of union of the producers, the organization between them and the lack of records related to the slaughter and sale of the animals.

Keywords: lamb, barriers, growth, meat.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Cadeia produtiva da ovinocultura no Rio Grande do Sul.	15
Figura 2. Municípios da RIDE-DF	22
Figura 3. Visão Territorial do Efetivo de Rebanho Ovino.	24
Figura 4. Dificuldades enfrentadas na cadeia produtiva de ovinos RIDE-DF.	25
Figura 5. Entraves de acesso ao mercado na cadeia produtiva de ovinos RIDE-DF..	26
Figura 6. Finalidade da produção de ovinos do Distrito Federal.	27
Figura 7. Local de comércio dos produtos de origem ovina no Distrito Federal.	28
Figura 8. Cadeia produtiva de ovinos do Distrito Federal.....	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	13
2.1. Origem e distribuição da caprinocultura no Brasil.....	13
2.2. Principais raças ovinas	16
2.3. Atributos da carne ovina	17
2.4. Abate Clandestino	17
3. MATERIAL E MÉTODOS	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
4.1. Produção Ovina.....	24
4.2. Destino do Produto.....	26
4.3. Ameaças e pontos fracos da Cadeia Produtiva de Ovinos	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1. INTRODUÇÃO

A ovinocultura chegou ao Brasil no ano de 1556. Grande parte da produção de ovinos encontra-se na Ásia e na África que juntos somam 73% do rebanho mundial, originada da Ásia a ovelha selvagem Mouflon (*Ovis aries orientalis*) é a provável descendente do ovino domesticado. Sendo o Brasil responsável por 1,57% da produção mundial de ovinos ocupando o décimo oitavo lugar no ranking mundial de produção (EMBRAPA, 2019). O consumo de carne de ovinos no Brasil está aumentando, principalmente no Rio Grande do Sul e estados da região Nordeste. O interesse na produção de ovinos vem crescendo no Centro-Oeste e na região Sudeste decorrente de razões culturais, religiosas, tradicionais e econômicas, os encarregados locais do sistema de produção desejam investir mais em características que aprimoram o produto: aroma, sabor, maciez, e suculência, aumentando a competição de mercado.

O enfoque da produção de ovinos é a produção de carne e a lã. O consumo de carne ovina no Brasil é considerado baixo, segundo a Assistência aos Rebanhos de Criadores de Ovinos (ARCO), são consumidos 400 gramas (g) *per capita*/ano (Embrapa, 2018). Contudo, o mercado de carne ovina apresenta potencial de crescente aumento, uma vez que alimentações mais saudáveis têm se tornado uma preocupação brasileira. Mesmo a carne mostrando um grande potencial de expansão de mercado ela representa níveis baixos de consumo, Segundo Zapata *et al.* (2001) a carne ovina possui baixos teores de gordura corporal (2,01% a 2,39%), a qual é bem distribuída e mais agradável ao paladar, o que a torna de mais fácil aceitabilidade por parte dos consumidores.

No território brasileiro o Sistema agroindustrial (SAG) aponta que o índice de abate de ovinos de forma clandestina supera os abates registrados. Esses abates clandestinos geralmente são feitos com animais de idade avançada e baixa sanidade que comprometem a qualidade da carne e a saúde dos consumidores, respectivamente. Em adição, estudos apontam que o consumo de carne ovina no Brasil está ligado às tradições locais que corroboram para o baixo consumo da carne ovina.

Em alguns lugares como no Distrito Federal dada à diversidade de pessoas que ocuparam a Capital Federal provenientes de várias regiões do país a carne de ovinos e derivados pode ser um mercado emergente, principalmente para o mercado de consumidores que preferem produtos de padrões superiores. Dessa forma, é importante pensar na organização da cadeia produtiva e que a produção consiga atender os anseios dos

consumidores. Em relação à produção, o rebanho de ovinos no Distrito Federal em 2017 era de 11.869 cabeças das quais 2.889 foram vendidos em estabelecimentos agropecuários (IBGE, 2019). Desse total, 75,6% dos rebanhos não são registrados quando vendidos, o que gera a hipótese de estarem sendo comercializados em frigoríficos clandestinos.

1.1 OBJETIVO

Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo analisar a organização da cadeia produtiva de ovinos no Distrito Federal e as relações entre a produção e o consumo. Desta forma;

- Descrever a cadeia produtiva de ovinos no Distrito Federal
- Verificar os entraves e conexão entre produção e consumo de carne ovina

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Origem e distribuição da caprinocultura no Brasil

A introdução dos primeiros ovinos no Brasil foi dada pelos colonizadores portugueses junto com o descobrimento do Brasil. A fácil adaptação às condições climáticas do Brasil permitiu a esses animais se reproduzirem com facilidade o que proporcionou sua rápida multiplicação e distribuição pelo território nacional. Em cada região, por sua vez, houve uma seleção natural dos animais conforme a precocidade, a prolificidade, o porte, a rusticidade e a resistência devido às diferenças ambientais impostas em cada região. A demanda por uma maior produtividade exigia um aumento das raças naturalizadas no século 20, o que induziu a importação de raças com boa produtividade que, apesar de exóticas, eram adaptadas ao clima temperado. O cruzamento das raças nativas com as exóticas deu origem aos mestiços, animais que mostraram menos produtivos que seus pais, com baixa produtividade reduzindo a população de raças nativas (VILLELA, 2019).

Produtos como a lã, a carne e o leite de origem ovina foram responsáveis pela expansão da espécie no Rio Grande do Sul. A lã era um dos produtos de maior interesse pelo estado, chegando ao seu melhor preço de mercado internacional na década de 1980, o que proporcionou um maior interesse por raças com aptidão para a produção de lã tais como Merino Australiano e Ideal. Por essa razão, a carne era utilizada em segundo plano somente com o propósito de contribuir na ceia dos produtores de lã (VIANA ; SILVEIRA, 2009). No

final do ano de 1980 houve uma valorização excessiva no preço da lã o que provocou uma crise no setor devido ao aumento da demanda por produtos oriundos do algodão e da fibra sintética. Segundo Ávila *et al.* (2013), essa crise no mercado fez com que alguns produtores desistissem da criação de ovinos ou escolhessem trabalhar com animais de dupla aptidão (lã e carne). Apesar disso, o tosquio ainda predomina na região Sul em relação aos demais produtos de origem ovina a qual foi responsável por 99% da lã produzida no país em 2017 (IBGE, 2017).

A ovinocultura se expandiu para outras regiões do Brasil chegando ao Nordeste, onde a carne era o principal produto explorado, o que direcionou os investimentos às raças deslanadas que, além de produzir mais carne apresentavam menos *stress* térmico devido às altas temperaturas dessa região (VIANA, 2008). A região Nordeste detinha o maior rebanho ovino que correspondia a 64,2% do rebanho brasileiro em 2017. A produção dessa espécie vem crescendo na região aumentando sua economia, dando destaque para a Bahia com 20,9% da produção de ovinos do nordeste (IBGE, 2017).

A criação de ovinos deixou de pertencer apenas as regiões Sul e Nordeste expandindo para outras regiões, umas delas é o Centro-Oeste, podendo destacar o Distrito Federal com potencial de desenvolvimento da ovinocultura. O primeiro registro da presença de ovinos no Distrito Federal foi em 1968 com apenas 6 animais, esse número aumentou conforme o tradicionalismo, a religião e a economia associadas a essa cultura iam crescendo na região fazendo com que houvesse a necessidade de se criar uma associação para os ovinocaprinocultores, a Associação dos Criadores de Caprinos e Ovinos de Brasília (ACCOB) (BEZERRA, 2007).

A ACCOB tinha a finalidade de estimular o melhoramento genético das raças com o registro genealógico. Sua atividade foi suspensa em 2012 com 62 associados e cerca de 15 mil matrizes registradas, a maioria desse rebanho estava localizado no Distrito Federal, esses associados deslocaram-se para o Sindicato de Criadores de Ovinos e Caprinos do DF (SINCCO). Alguns dos produtores migrantes mostraram interesse em aprimorar a tomada de decisão diante do comércio e com os frigoríficos (GUIMARÃES, 2013).

Em 2016, o rebanho efetivo de ovino do Brasil chegou a 18 milhões de cabeças sendo a região Nordeste detentora de 11 milhões, a região Sul 4 milhões e a região Centro-Oeste 92 mil cabeças e, dentro dessa região, o Distrito Federal é responsável por 23 mil cabeças de ovinos do total (IBGE, 2016). Uma queda na produção ovina ocorreu no ano de 2017 com

maior destaque para o Centro-Oeste que fechou o ano com 89 mil cabeças, um decréscimo de 4% em um ano. Por outro lado quando comparada a produção efetiva dos últimos dez anos há um crescimento do rebanho nas regiões Norte e Nordeste, de 22,8% e 23,4%, essas duas regiões durante esse período permitiram o crescimento do rebanho efetivo (MAGALHÃES *et al.*, 2018).

A cadeia produtiva no Rio Grande do Sul é caracterizada da seguinte forma conforme a Figura 1: indústria de insumos dando destaque maior para os cuidados sanitários dos rebanhos e alimentação, produção ovina de caráter extensivo, indústria processadora de carne e lã, distribuição do produto tendo como principais redes de distribuição da carne ovina os mercados e restaurantes, e consumidor final (VIANA; SILVEIRA, 2009).

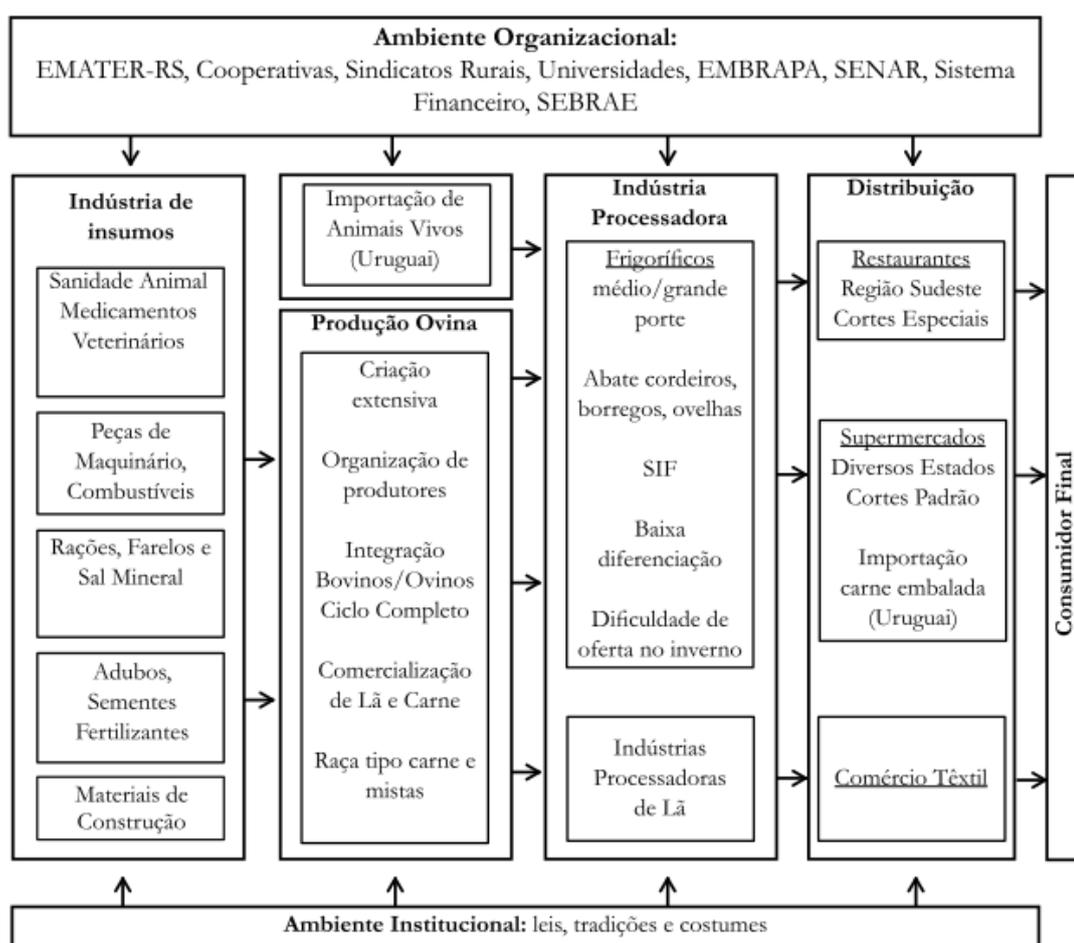


Figura 1. Cadeia produtiva da ovinocultura no Rio Grande do Sul. Fonte: VIANA; SILVEIRA, 2009).

2.2. Principais raças ovinas

Existem cerca de vinte e cinco raças ovinas no mundo com tendência de crescimento devido ao melhoramento genético que proporciona o desenvolvimento de novas linhagens. A escolha da raça vai depender da finalidade a qual o produtor necessita, sendo que cada genética possui sua aptidão, podendo ser ela couro, lã, leite ou carne (JESUS *et al.* 2010).

O Merino Australiano era a uma das raças mais comuns no Rio Grande do Sul devido à sua boa produção de lã, sendo um animal robusto, com configuração zootécnica de 80% de produção de lã e 20% de produção de carne. Segundo a Assistência aos Rebanhos de Ovinos (ARCO, 2019), sua lã possui alto valor industrial e é um animal que se adapta fácil a regiões áridas. Segundo Ávila *et al.* (2013), devido à crise no setor da lã, os criadores de animais lãados começaram a criar animais de dupla aptidão tais como Ile de France com 60% de aptidão para carne e 40% produção de lã. A raça Santa Inês é mais comum na região Nordeste, sendo um animal com baixos teores de gordura, excelente qualidade de carne, que pode se adaptar a diferentes regiões e apresenta fêmeas com boa habilidade materna. Morada Nova e Somalis Brasileira são raças que possuem características semelhantes a Santa Inês (JESUS *et al.*, 2010).

Com o foco na produção de carne o Dorper é uma das raças mais produzidas, sendo um animal robusto e musculoso. Segundo a ARCO (2019) é uma raça de origem Africana que surgiu do cruzamento de suas raças produtivas que são elas Dorset Horn e Blackhead Persian, o que a torna uma raça com boa rentabilidade. O cruzamento do macho Dorper com as fêmeas Santa Inês proporciona animais com melhor qualidade de carcaça e minimiza possíveis desvantagens de cada uma delas separadamente (JESUS *et al.*, 2010).

Sulffolk por sua vez é um animal rústico, com boa produção de carne, de origem inglesa e muito usada para corte assim como os animais da raça Texel, os quais também apresentam aptidão para corte com pouca deposição de gordura e boa musculatura (JESUS *et al.*, 2010). Quando a rusticidade do ovino é de interesse do ovinocultor, uma das raças recomendadas é a Somalis, ovino deslanado com pelagem branca, cabeça e o pescoço frequentemente de coloração vermelha ou preta e aptidão para corte com peso de até 60 kg na fase adulta do macho. Ainda existe o ovino crioulo, que é considerada sem raça definida, animal rústico com aptidão para carne e pele (ELOY *et al.*, 2007).

2.3. Atributos da carne ovina

A preocupação com a saúde fez com que muitas pessoas buscassem mudanças em seus hábitos alimentares visando obter alimentos com melhor qualidade nutricional e sensorial. A carne bovina possui em sua constituição um percentual de gordura que vai de 4,5% a 25,4% (NEPA, 2011) enquanto que o percentual de gordura na carne ovina se encontra entre 2,01% e 2,39% (ZAPATA *et al.*, 2001). Cerca de vinte e cinco milhões de brasileiros, o equivalente a 12% dos consumidores do País, nunca comeram carne de ovino apesar de sua boa qualidade, segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). O consumo de carne ovina no Brasil é de aproximadamente 400 g *per capita*/ano enquanto que o consumo de carne bovina e suína é de 42 quilogramas (kg) e 15 kg *per capita*/ano, respectivamente. A pouca disponibilidade no mercado, a falta de costume e a inexistência de cortes adequados para o consumo no dia a dia são fatores que diminuem o consumo da carne ovina (EMBRAPA, 2018).

Sem uma figura de proteção (Denominações de Origem Protegida, Indicações Geográficas Protegidas ou Denominações Específicas de Qualidade, Marcas de Qualidades Certificadas, Produtos Integrados e Produtos Ecológicos ou Orgânicos) que garanta e identifique o produto a capacidade de oferta para diferentes mercados é um entrave no setor produtivo de carne. Os consumidores estão cada vez mais exigentes fazendo com que tenha produtos de qualidade, com exemplo o programa gestor do Cordeiro de Herval Premium que tem como critério de seleção dos ovinos as condições sanitárias, dentição, peso corporal, condição corporal, lã, machos inteiros até 6 meses, machos castrados, fêmeas, não prenhas (ALVES *et al.*, 2014).

Com a crise da região Sul, parte dos produtores transformaram a criação destinada a lã para a produção de carne, o que intensificou o costume de se comer carne ovina, normalmente esses animais eram criados junto ao gado para consumo próprio. Com a chegada do rebanho bovino no Centro-Oeste e na região Norte, os gaúchos levaram junto ao gado bovino os seus ovinos, o que acredita-se ser uma das possibilidades da existência desses animais nessas regiões (JESUS *et al.*, 2010).

2.4. Abate Clandestino

A cadeia produtiva da ovinocultura enfrenta alguns entraves na estabilidade da produção uma vez que animais com padrões mínimos de qualidade são escassos o que

dificulta aos frigoríficos atender a demanda por abate. Além disso, a inconstante demanda por carne ovina e os baixos preços pagos pelos frigoríficos fazem com que os produtores sejam desestimulados a investir nessa produção (JESUS *et al.*, 2010).

O SAG da carne ovina registrada é menor em todos os estados brasileiros quando comparada à clandestina, o que ocorre por não haver fiscalização suficiente e por aspectos do ambiente institucional. A informalidade está desde a produção até o processamento da carcaça, quando há sonegação ao fisco e aquisição de produtos sem inspeção sanitária a informalidade está dentro do varejo. A compra de animais doentes, falta de inspeção sanitária e o transporte inadequado são alguns dos agravantes da indústria e na produção rural a informalidade está na ausência de inspeção sanitária no abate e a não comunicação do tráfego de animais aos órgãos de defesa sanitária. A ação do Governo Federal vem sendo articulada na legislação para padronizar a cadeia produtiva, mas não se nota atitudes para que as leis sejam cumpridas (SORIO; RASI, 2010).

Podem-se classificar os mercados informais não criminosos conforme três diferentes economias:(BÁNKUTI *et al.*, 2013):

- Economia não declarada: atividade econômica que não contribui com a fiscalização, mercadoria sem nota fiscal e trabalho sem registro.
- Economia não gravada: o não registro estatístico por falta de comunicação ao órgão, como é o caso do abate na propriedade.
- Economia informal: a própria atividade cria suas regras, não registrando seguir as regras formais do ambiente institucional no qual opera.

Esses mercados informais podem ser exemplificados dentro da cadeia produtiva de ovinos da seguinte forma conforme (BÁNKUTI *et al.* 2013):

- Economia não declara: a comercialização de partes de carne sem a emissão de nota fiscal por parte dos frigoríficos, uso de uma compra de mercadoria legal para justificar a mercadoria clandestina.
- Economia não gravada: animais abatidos na propriedade para próprio consumo, doação ou venda.
- Economia informal: venda de produtos por abatedouros que não cumprem as regras sanitárias, seu produto segue direto para o consumidor final.

Existe um mercado informal que funciona paralelamente ao não informal podendo trazer esses mercados para dentro da ovinocultura no caso das atividades não criminosas informais. Podendo ser classificados como: (SORIO; RASI, 2010).

- Mercado único: não é possível fazer a distinção de mercadorias originadas do mercado informal ou formal pelo consumidor. Venda da carne manipulada e comercializada pelo próprio estabelecimento.
- Mercado paralelo com produtos heterogêneos: é possível se distinguir os produtos informais do formal, onde o que vai determinar a compra é o custo/benefício do produto. Mesmo havendo legalização do estabelecimento ele não consegue atender a demanda e coloca no mercado cortes de carne com qualidade similar a clandestina ou inferior.
- Mercado paralelo com seleção adversa: falta de informação no produto, fazendo com que haja a compra de produto clandestino no lugar no legalizado. Uso da fama do estabelecimento para venda de carne oriunda de abate clandestino.

Mesmo sendo exigida a emissão de Guia de Trânsito de Animais (GTA) desde 2004 pela legislação nacional, não é possível encontrar dados consolidados a respeito de abate de ovinos com inspeção estadual e municipal, o que acaba favorecendo o abate clandestino na cadeia produtiva de ovino. O número de abate com inspeção estadual e municipal supera a quantidade de abate inspecionada pelo Governo Federal chegando a 90% a taxa de informalidade no mercado nacional (SORIO; RASI, 2010). O total de ovinos abatidos em 2018 chegou a 4.312 animais segundo o Serviço de Inspeção Federal (SIF, 2018).

Os produtos de origem animal possuem diversas leis referentes à inspeção sanitária que protege o consumidor e sobre as formas de abate. O Decreto nº 5.741/2006 deu origem ao Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal (SISBI), que padroniza as etapas de inspeção dos estados e municípios assegurando o cuidado com os alimentos. O Sistema Nacional de Tipificação de Carcaças Ovinas, regulamentado pela Portaria nº 307/1990, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) existe a mais de 20 anos e descreve a idade, a conformação de carcaça e o acabamento de gordura, além de direcionar o comércio de ovinos para o abate em todo o país, mas isso não é cumprido pela cadeia produtiva (SORIO; RASI, 2010).

Os estados que mais buscam atender à legislação são: Rio Grande do Sul, Bahia, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Goiás. Todos esses estados buscam pela emissão do GTA por

parte do Programa Nacional de Sanidade de Caprinos e Ovinos (PNSCO) que notifica a presença de doenças, a vigilância sanitária e estabelece normas de trânsito de ovinos e caprinos, além da fiscalização de abate clandestino (SORIO; RASI, 2010).

A informalidade é intensificada na cadeia produtiva, possibilitando o escoamento da produção nos locais de difícil acesso ao abatedouro legalizado, venda de pequenos lotes, maior lucro para o produtor quando ele mesmo abate o ovino, não há necessidade da emissão do GTA, carne mais barata para o consumidor, conforto e comodidade quando o produto é entregue diretamente para o consumidor ou no mercado e churrascarias (SORIO; RASI, 2010). No estado do Mato Grosso do Sul é possível inserir a carne de ovino dentro dos roteiros turísticos, aumentando o desenvolvimento dos ambientes turísticos e das comunidades próximas com a criação de festivais gastronômicos onde a carne ovina seria o atrativo para o local (MARIANI *et al.*, 2011).

Em uma mesa redonda organizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) no espaço da Feira Internacional dos Cerrados (Agrobrasília) de 2012, tendo como discussão o abate clandestino de ovinos e caprinos, a diretora do Departamento de Defesa Agropecuária e Inspeção de Produtos de Origem Vegetal e Animal (DIPOVA) explicou que todos os elos da cadeia produtiva possuem informalidade na produção de carnes. A falta de informação no produto e a clandestinidade são fatores que fazem com que o consumo de carne ovina não evolua. Conforme Mario Soter, consultor do Sindicato dos Criadores de Ovinos e Caprinos do Distrito Federal (SINCCO-DF), a ilegalidade é um problema sério na região do Distrito Federal, o que torna necessária a construção de frigoríficos para atender os produtores (AGROBRASÍLIA, 2012).

Algumas dificuldades são encontradas dentro da RIDE-DF, como: alto custo na tecnologia, falta de padronização dos lotes e manuseio inadequado dos ovinos são umas das dificuldades enfrentadas pela cadeia produtiva de ovinos. Dentro da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE-DF) a cadeia produtiva de corte está dividida em três setores: o abate, a produção e a distribuição (GUIMARÃES, 2013).

Dessa forma, é importante verificar com os participantes da cadeia produtiva no Distrito Federal que ações eles vêm buscando para melhorar a produção e conectar aos consumidores, por exemplo, com produtos padronizados, inspecionados, ou seja, que se aproximem do mercado formal, assim como, entender os empecilhos que fazem com que a produção fique mais próxima do abate clandestino.

2.5. Consumo da carne ovina

A relação entre os ovinocultores, os frigoríficos e os consumidores é de grande importância no desenvolvimento do modelo de gestão de produção de carne ovina. A qualidade e a uniformidade dos animais é de extrema importância para o sucesso dessa relação. Conhecendo-se a demanda de cada produto por parte dos consumidores, os frigoríficos podem orientar os produtores a respeito do direcionamento da produção buscando uma maior rentabilidade da carne ovina (ALVES *et al.*, 2014).

A satisfação do consumidor é fundamental para o sucesso da produção de carne ovina no Brasil. Para isso, é essencial que as características de maior importância a respeito da carne sejam verificadas também pelo consumidor através do grau de satisfação com o produto. A produção de ovinos no Brasil é insuficiente para atender a demanda nacional tanto em quantidade como em qualidade, fazendo-se necessária a importação da carne ovina no país. Apesar da produção ovina ser mais concentrada nos estados do Rio Grande do Sul e Nordeste, a carne ovina tem sido apreciada em outras regiões do país, principalmente nas grandes metrópoles, o que tem aumentado a demanda por esse produto e, conseqüentemente, tornando mais vantajosa a produção de ovinos (RAMOS, 2016).

Existem alguns mitos com relação à carne ovina que precisam ser desfeitos para que o consumo desse produto aumente, como é o caso de o modo de preparo da carne ser classificado como difícil pela necessidade de especiarias para o preparo da carne. Além disso, a oferta irregular e a apresentação de baixa qualidade do produto nas prateleiras fazem com que o preço de distribuição aumente quando comparada a carne de outros animais (RAMOS, 2016).

As churrascarias e boutiques de carne vem ganhando espaço com o consumidor por oferecerem produtos de boa qualidade além de cortes especiais. Para que haja a expansão do consumo são necessárias algumas melhorias tecnológicas em algumas etapas do processo produtivos tais como: no abate, na tipificação de carcaça, na diferenciação de produto, nos frigoríficos especializados e na padronização do produto. Uma forma de aumentar o consumo é adotar tecnologias que aumentem eficiência tais como: escolha dos animais, animais com potencial genético e adoção de sistema de terminação permitindo o máximo de produção com qualidade e custo justo. Além do abate e da comercialização da carne ovina, algumas características de qualidade da carne tais como baixo teor de gordura, aroma e sabor

O estudo com os ovinocultores baseou-se em conhecer sobre a estruturação da cadeia produtiva de ovinos na RIDE e entorno com foco no abate clandestino que, segundo Soter (2012), a clandestinidade é um entrave para o crescimento da cadeia. As principais questões abordadas foram:

- Participação em associações;
- Número de animais na propriedade e idade;
- Dificuldades na produção;
- Destino do produto;
- Formalização da venda;
- Raças;
- Entraves de acesso ao mercado;

O formulário foi estruturado de forma que os produtores de ovinos conseguissem transmitir informações diretas tais como “O maior entrave para se ter acesso aos mercados”, com o objetivo de estruturar a cadeia produtiva de ovinos no Distrito Federal e verificar a relação entre a produção e o consumo. O formulário desenvolvido conta com dois tipos de perguntas: (a) perguntas de múltipla escolha em que os produtores entrevistados puderam escolher mais de uma opção de resposta e o conjunto de respostas foi utilizado para gerar gráficos facilitando a leitura dos dados; (b) perguntas abertas nas quais os entrevistados responderam livremente sobre o assunto questionado. Algumas perguntas foram baseadas no questionário de Souza (2014), que em sua dissertação analisa a competitividade da cadeia produtiva de ovinos no estado de Goiás.

O formulário foi encaminhado para 57 produtores cadastrados no SINCCO-DF, procurando chegar em um resultado significativo, contou-se com a ajuda de membros do SINCCO-DF e professores da Universidade de Brasília que possuem contato com produtores de ovinos. São 261 estabelecimentos agropecuários com ovinos registrados no Distrito Federal, segundo dados do IBGE 2017, os quais possuem animais destinados a produção carne, leite e/ou lã. Considerando as dificuldades de se localizar produtores o questionário *online* foi o melhor critério a ser utilizado. A figura 3 mostra o território alcançado pelos ovinos no Centro-Oeste, as localidades do Centro-Oeste com maior quantidade de ovinos.

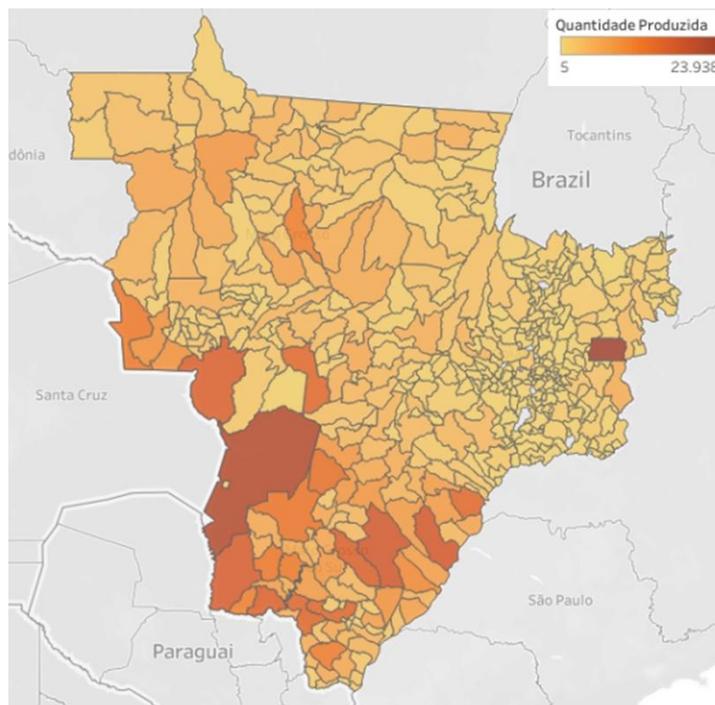


Figura 3. Visão Territorial do Efetivo de Rebanho Ovino. Fonte: (EMBRAPA, 2016).

Conforme observado (Figura 3), nota-se que o Distrito Federal e o município de Corumbá, Mato Grosso do Sul apresentam uma maior quantidade de cabeças de ovinos quando comparados aos outros municípios.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada segmento da cadeia produtiva de ovinos será discutido a seguir conforme os resultados obtidos com o formulário encaminhado aos produtores. A pesquisa teve um retorno de dez formulários preenchidos. A maioria dos produtores possuem uma formação técnica e a assistência dada a produção é realizada pelos próprios produtores, além disso, metade dos entrevistados fazem parte de alguma associação: SINCCO e Cooperativa Agropecuária da Região do Distrito Federal (COOPADF).

4.1. Produção Ovina

O número de cabeças de ovinos presentes nas propriedades varia de 10 a 600 animais com idades diferenciadas. Foi possível observar que os produtores com maiores rebanhos determinam uma faixa de idade máxima para os lotes de ovinos, chegando a no máximo 6 anos, contudo, a faixa média de idade dos rebanhos que predomina entre os ovinocultores é de 3 anos, os animais são abatidos entre 4 e 6 meses de idade. A ovinocultura é associada a

outras atividades econômicas dentro da propriedade tais como bovinocultura, avicultura e suinocultura as de maior relevância entre os produtores.

Em pesquisa realizada pela EMBRAPA para determinar o custo de produção de ovinos, foi estimado um total de R\$13,56 por quilograma de carcaça (MARTINS; LUCENA, 2018). O custo de produção é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos produtores pertencentes a RIDE-DF, conforme os resultados dessa pesquisa (Figura 4) em que 50% dos produtores consideram o custo de produção elevado. Dos produtores entrevistados 40% consideram que a alimentação dificulta o desenvolvimento da cadeia. Esses resultados explicam o fato de o preço de venda ser o maior entrave da cadeia produtiva (Figura 5) onde 50% dos produtores acreditam que os baixos valores pagos a eles pelo produto seja um dos maiores entraves. A falta de frigoríficos especializados em abate de ovinos também é uma das dificuldades enfrentadas pelos produtores (Figura 4) o que favorece o abate clandestino na região. Ainda, segundo o Dipova (AGROBRASÍLIA, 2012), o abate clandestino dificulta o crescimento do consumo da carne ovina. Com base nas respostas dos produtores, 30% deles acreditam que há certa dificuldade enfrentada na comercialização dos produtos (Figura 4) o que pode ser correlacionado com um dos maiores entraves indicados por eles que é a quantidade ofertada desses produtos que não atende às demandas do mercado (Figura 5). O controle da sanidade dos animais é outra das dificuldades levantadas por 30% dos produtores sendo que 10% deles considera que a inspeção da produção é inadequada e demanda melhorias, uma vez que é considerada um entrave para o acesso ao mercado (Figura 5).

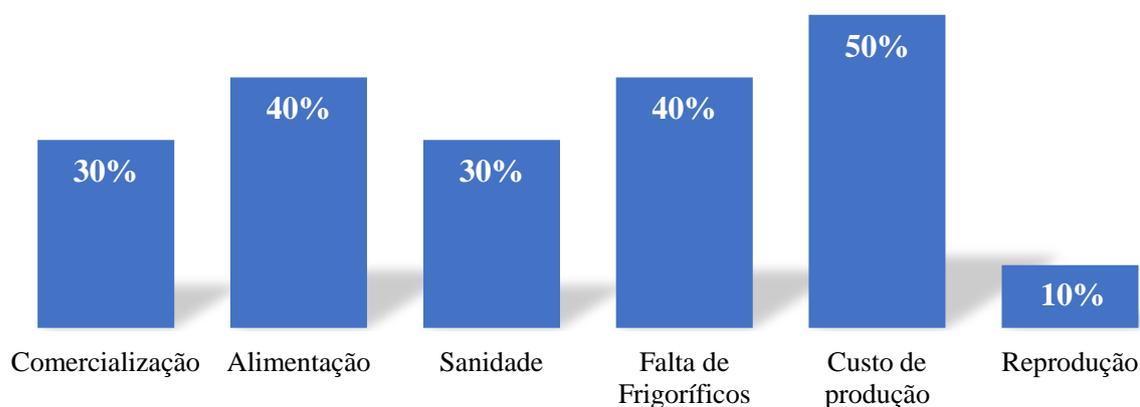


Figura 4. Dificuldades enfrentadas na cadeia produtiva de ovinos da RIDE-DF. Fonte: Autor.

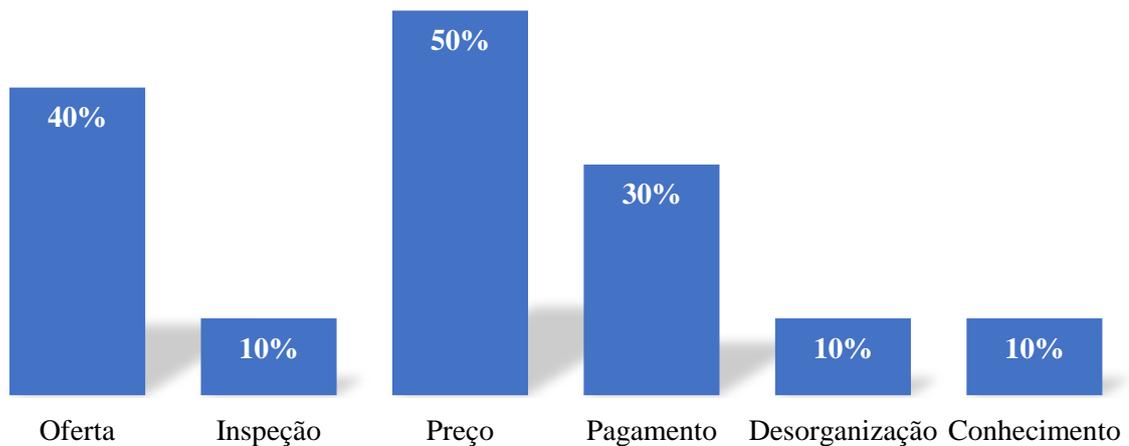


Figura 5. Entraves de acesso ao mercado na cadeia produtiva de ovinos RIDE-DF. Fonte: Autor.

As raças que predominam na criação de ovinos na região do Distrito Federal são Dorper e Santa Inês, havendo também em menor número exemplares de White Dorper, Lacaune e Ile de France. Esse resultado destaca a qualidade dos animais da raça Dorper devido às suas boas características físicas e sua resistência, como citado por (JESUS *et al.*, 2010).

4.2. Destino do Produto

Dentre os produtores entrevistados, 30% deles destinam seu rebanho de ovinos para a produção de carne e reprodutores, seguido da criação de animais somente para produção de carne (20% dos produtores), animais para consumo (10%), produção de leite (10%), leite e carne (10%) e por último, não menos importante, a produção de matrizes e reprodutores (Figura 6). Além disso, como destacado por Viana e Silveira (2009), o valor comercial da lã apresentou queda nos últimos anos o que contribuiu para o aumento na criação de cordeiros destinados à produção de carne.

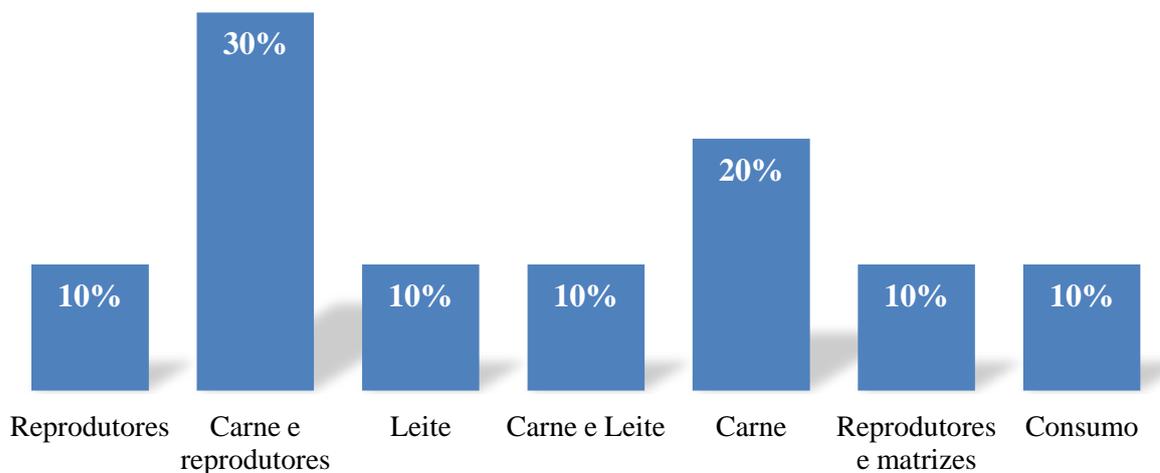


Figura 6. Finalidade da produção de ovinos do Distrito Federal. Fonte: Autor

Dentre os produtores entrevistados, 60% deles comercializa os animais na própria propriedade onde os ovinos são produzidos, 30% deles comercializa em açougues. Além disso, os produtores também destinam uma parte de sua produção para feiras, restaurantes, exposições e leilões, boutiques de carne e, até mesmo, comércio entre amigos e conhecidos, conforme (Figura 7). Quarenta e quatro por cento dos contratos feitos pelos produtores de ovinos é feito informalmente (forma verbal), colocando-os dentro da categoria de mercado único descrita por Sorio e Rasi (2010). Outros 33,3% realizam contratos de forma formal. Comparando esses dados com os de Souza (2014) no estado de Goiás 59,52% dos casos os animais são comercializados na propriedade, e 17,86% em açougues, os contratos são feitos 82% de forma verbal, comparando com os dados desse trabalho esse tipo de contrato é realizado com maior frequência no estado do Goiás.

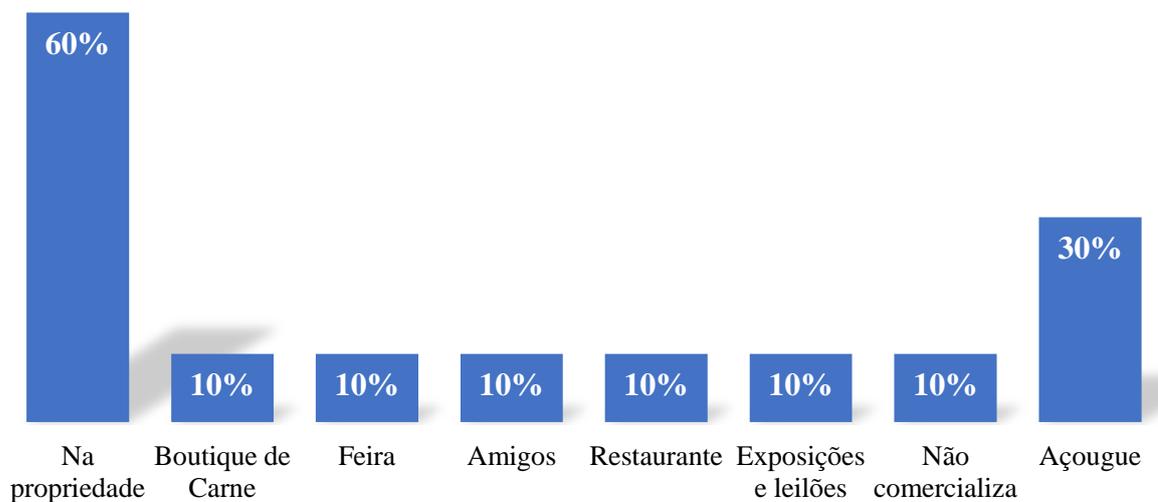


Figura 7. Local de comércio dos produtos de origem ovina no Distrito Federal. Fonte: Autor

Dos produtores entrevistados apenas um utiliza cortes especiais como processamento do produto, sendo feito alguns *kits* cordeiro que são distribuídos nos supermercados, esses *kits* cordeiro de acordo com o produtor são cortes de meio animal. A carne ovina apresenta melhor saída no mês de dezembro onde a presença do cordeiro na ceia de Natal é uma tradição em algumas famílias.

4.3. Ameaças e pontos fracos da Cadeia Produtiva de Ovinos

Quanto à pergunta “onde é realizado o abate dos animais” 50% dos entrevistados se recusaram a responder, 20% realizam o abate clandestino o que descumpra as leis de produtos de origem animal e não haja fiscalização do SISBI, fazendo com que o consumidor não tenha a garantia dos cuidados exigidos nos alimentos. Vinte por cento dos produtores levam seus animais para serem abatidos em frigoríficos com fiscalização e 10% dos produtores comercializa seus animais vivos. O Distrito Federal não está entre os estados que buscam pela legislação a fim de emitir o GTA (SORIO; RASI, 2010). A (Figura 8) representa a estrutura da cadeia produtiva de ovinos do Distrito Federal conforme os dados obtidos nesse trabalho.

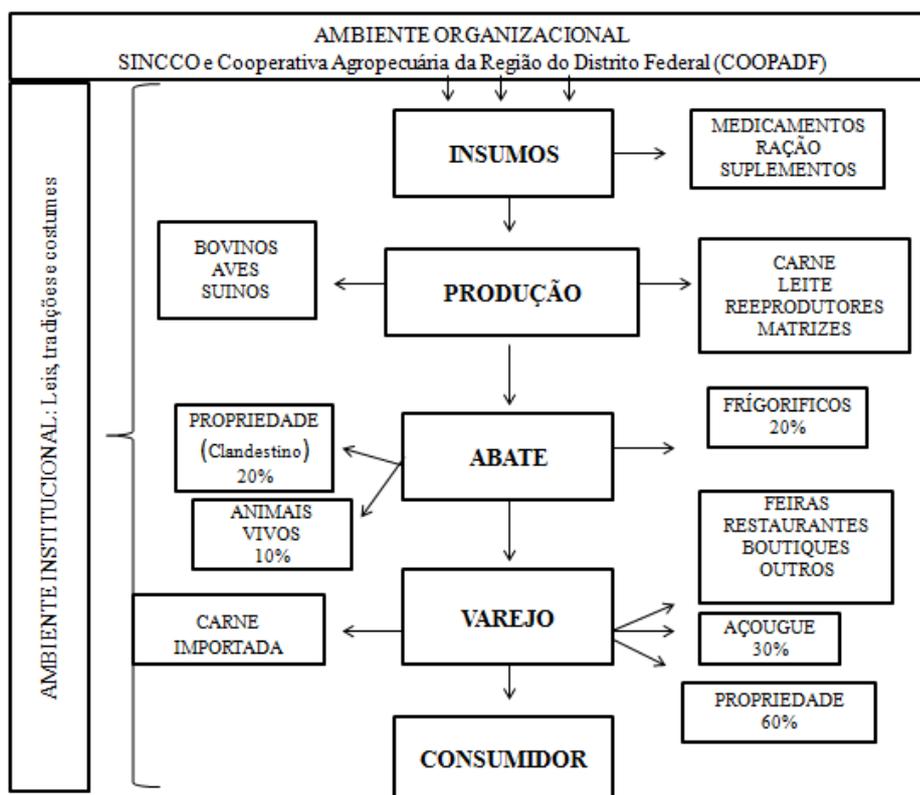


Figura 8. Cadeia produtiva de ovinos do Distrito Federal. Fonte: Autor

O preço da carne ovina pago aos produtores e a falta de pagamento pelo produto (Figura 8), torna-se desestimulante aos produtores desencadeando uma queda na produção e ameaçando a cadeia produtiva. A baixa oferta da carne ovina para os mercados desencadeia o aumento da importação da carne de países como Uruguai diminuindo ainda mais o preço pago os produtores nacionais.

Conforme relatos dos entrevistados, há uma desunião entre os produtores (Figura 5), tornando difícil a organização de reuniões e levantamento de pontos importantes assim como os gargalos da produção que impedem o crescimento da cadeia produtiva de ovinos. Um desses gargalos é a dificuldade em expandir a venda da carne em outros mercados o que tornaria o produto mais acessível a população. Além disso, o preço da ração eleva os custos de produção assim como a inexistência de parcerias com frigoríficos. Dessa forma, o abate clandestino gera um maior lucro para o produtor e um menor custo para o consumidor, mas também dificulta a organização da cadeia pela inexistência de registros relacionados ao abate e venda desses animais.

Segundo alguns produtores, um dos pontos fracos da cadeia produtiva de ovinos seria a dificuldade em se obter os registros necessários para estarem legalizados além da obtenção

de selos de qualidade da carne. O consumidor exige produtos de qualidade que propicie satisfação, para que isso aconteça é necessário boas condições sanitárias, dentição, peso corporal no mínimo 25 kg e no máximo 45 kg, condição corporal 3,0 e 3,5 com gordura de 1 a 4mm, lã no mínimo 10mm e máximo 30mm, machos inteiros até 6 meses, machos castrados e fêmeas, não prenhes (ALVES *et al.*, 2014).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de escalonamento dos lotes de ovinos para abate em diferentes idades faz com que os ovinos sejam abatidos tardiamente, diminuindo a qualidade e aceitabilidade da carne pelos consumidores. Além disso, a falta de comunicação entre os produtores dificulta a organização da cadeia e, conseqüentemente, a expansão do setor de ovinos do Distrito Federal.

A maioria da produção é destinada à produção de carne, mas apenas 30% desses animais são comercializados em açougues e frigoríficos, o que reforça a ideia de que o abate clandestino ainda é muito presente na cadeia produtiva de ovinos do Distrito Federal.

A carne de ovinos ainda é mais comercializada em datas comemorativas como no Natal dificultando a sua expansão. Apesar disso, uma pequena parcela dos produtores tenta agregar valor em seus produtos tal como acontece com aqueles que vendem *kits* com diferentes cortes de carne ovina (10% dos produtores entrevistados).

A carne ovina possui características procuradas pelos consumidores, como é o exemplo do baixo percentual de gordura, mas ainda é pouco aceita pelos consumidores por não saberem como preparar e não saberem diferenciar o cordeiro do carneiro, além dos problemas encontrados na produção: uniformidade do lote, idade de abate, frigoríficos especializados e padronização do produto.

O número de formulários respondidos foi um fator limitante para que se conseguisse um melhor resultado e mais representativo. Há um receio dos entrevistados em responderem questionamentos relacionados a sua produção quando se trata de informalidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGROBRASÍLIA. Mesa Redonda discute abate clandestino de caprinos e ovinos. Disponível em: <www.agrobrasil.com.br/home/208-mesa-redonda-discute-abate-clandestino-de-caprinos-e-ovinos.html>. Acesso em: 30/9/2019.
- ALVES, L. G. C.; OSÓRIO, J. C. DA S.; FERNANDES, A. R. M. Produção de carne ovina com foco no consumidor. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer**, v. 10, n. 18, p. 2400, 2014.
- ÁVILA, V. S. DE; FRUET, A. P. B.; BARBIERI, M.; BIANCHINI, N. H.; DÖRR, A. C. O Retorno Da Ovinocultura Ao Cenário Produtivo Do Rio Grande Do Sul. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 11, n. 11, p. 2419–2426, 2013.
- BÁNKUTI, F. I.; BÁNKUTI, S. M. S.; MACEDO, F. DE A. F. A INFORMALIDADE EM SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS : um estudo exploratório dos hábitos de consumo de ... **Informações Econômicas**, v. v. 43, n. n. 1, p. 5–17, 2013.
- BEZERRA, M. L. F. - Evolução e Desafios-. , p. 1–4, 2007.
- BRASÍLIA, A. Ampliada , Ride tem 32 municípios. Disponível em: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2018/06/15/ampliada-ride-tem-32-municipios/>>. Acesso em: 30/9/2019.
- ELOY, Â. M. X.; COSTA, A. L. DA; CAVALCANTE, A. C. R.; SILVA, E. R.; SOUSA, F. B. DE. **Criação de caprinos e ovinos**. 1º ed. Embrapa Informação Tecnológica, 2007.
- EMBRAPA. Visão Territorial da Concentração do Efetivo de Rebanho Ovino (Cabeças) (2016) (Quartéis). Disponível em: <<https://www.embrapa.br/cim-inteligencia-e-mercado-de-caprinos-e-ovinos/producao-nacional>>. Acesso em: 12/11/2019.
- EMBRAPA. Evolução Anual do Efetivo de Rebanho de Ovinos (Cabeças): Mundo. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/cim-inteligencia-e-mercado-de-caprinos-e-ovinos/producao-mundial>>. Acesso em: 8/9/2019.
- EMBRAPA. Pesquisa mostra que 12% dos brasileiros nunca comeram carne ovina. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/34766692/pesquisa-mostra-que-12-dos-brasileiros-nunca-comeram-carne-ovina>>. Acesso em: 5/9/2019.
- GUIMARÃES, E. T. L. **Ovinocultura de Corte na RIDE-DF: Cenários e Perspectivas**, 2013.
- IBGE. Produção da Pecuária Municipal 2017. , p. 1–9, 2019a.
- IBGE. Pesquisa da Pecuária Municipal. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9107-producao-da-pecuaria-municipal.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 3/12/2019b.

JESUS, C. D. J. J.; RODRIGUES, L. S.; DE MORAES, V. E. G. BNDS Biblioteca Digital.

Ovinocaprinocultura de corte : a convivência dos extremos, v. 31, p. 281–320, 2010.

LIMA, T. C. S. DE; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. spe, p. 37–45, 2007.

MAGALHÃES, K. A.; MARTINS, E. C.; HOLANDA FILHO, Z. F.; LUCENA, C. C. DE. Pesquisa Pecuária Municipal 2017 : efetivo dos rebanhos caprinos e ovinos. **Boletim do Centro de Inteligência e Mercado de Caprinos e Ovinos**, v. 5, p. 1–13, 2018.

MARIANI, M. A. P.; SORIO, A.; ARRUDA, D. D. O. Carne ovina , turismo e desenvolvimento local : potencialidades para o Mato Grosso do Sul. **INTERAÇÕES**, v. 12, n. 1, p. 31–39, 2011.

MARTINS, E. C.; LUCENA, C. C. Metodologia para determinação dos custos de produção de ovinos de corte Metodologia para determinação dos custos de produção de ovinos de. In: Sobral (Org.); Circular Técnica. **Anais... .** v. 48, p.28, 2018. EMBRAPA.

NEPA. **Tabela Brasileira de Composição de alimentos**. 2011.

RAMOS, G. DE S. **Intenção de compra e consumo de carne ovina no Distrito Federal e entorno** Monografia (Graduação em Agronomia) – Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2016. CESSÃO, 2016. Universidade de Brasília-UNB.

SIF. Serviço de Inspeção Federal - SIF. Disponível em:

<www.agricultura.gov.br/assuntos/inspecao/produtos-animal/sif>. Acesso em: 3/12/2019.

SORIO, A.; RASI, L. Ovinocultura e abate clandestino : um problema fiscal ou uma solução de mercado ? 1. , v. 1, p. 71–83, 2010.

SOUZA, K. R. **OVINOCULTURA DE CORTE EM GOIÁS: UMA ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DA CADEIA PRODUTIVA**, 2014. Universidade Federal de Goiás.

SUDECO. Desenvolvimento do Municípios RIDE-DF. Disponível em:

<www.sudeco.gov.br/municipios-ride-df>. Acesso em: 20/11/2019.

VIANA, J. G. A. Panorama Geral da Ovinocultura no Mundo e no Brasil. **Revista Ovinos**, v. 4, n. 12, p. 1–9, 2008.

VIANA, J. G. A.; SILVEIRA, V. C. P. CADEIA PRODUTIVA DA OVINOCULTURA NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DESCRITIVO. **Revista em Agronegocio e Meio Ambiente**, v. 2, n. 1, p. 12, 2009.

VILLELA, L. C. V. Agência Embrapa de Informação Tecnológica - Origem e situação dos

ovinos no Brasil. .

ZAPATA, J. F. F.; NOGUEIRA, C. M.; SEABRA, L. M. J.; BARROS, N. N.; BORGES, Â.

S. Composição centesimal e lipídica da carne de ovinos do nordeste brasileiro. **Ciência**

Rural, v. 31, n. 4, p. 691–695, 2001.

APÊNDICE 1

Pesquisa de Trabalho de Conclusão de curso da Agronomia da Universidade de Brasília (UNB) que tem por finalidade conhecer aspectos sobre a produção e comercialização de ovinos no Distrito Federal e regiões vizinhas. O objetivo é conhecer melhor as particularidades e que isso possa servir para pensar e planejar ações no que se refere à uma maior organização da cadeia produtiva e acesso aos mercados. Para isso se busca coletar as informações através de algumas questões dirigidas aos agentes envolvidos nas cadeias produtivas, especialmente os produtores. Agradecemos à compreensão e disponibilidade em contribuir.

Nome:	
Localidade:	
Contato: Tel:	e-mail:
Município:	

1. Faz parte de alguma associação ou cooperativa:

Sim() Não()

Se sim, qual: _____

2. Recebe acompanhamento técnico na produção?

Sim() Não()

Se sim, por quem:

() EMATER

() Técnico do Sindicato

() SEBRAE

() Outros

3. Qual a quantidade de animais que possui: _____

Faixas de idade: _____

4. Além da ovinocultura, é realizada outra atividade econômica na propriedade? (marque quantas julgar necessário)

não

Avicultura

Bovinocultura

Suinocultura

Outra (as). Especificar: _____

5. Qual a finalidade da produção?

Venda do animal para carne

Leite

Lã

Venda de reprodutores

6. Que dificuldade enfrenta na produção?

Alimentação

Sanidade

Reprodução

Custo de produção

Comercialização

Transporte

Falta de Frigoríficos especializados

7. Qual mercado comercializa a produção:

Na propriedade

Feiras livres

Supermercado

Boutique de Carne

Frigorífico

Açougue

Outros _____

8. A formalização da venda é feita?

Contrato Formal.

Contrato Verbal.

Forma mista.

Outros. (especificar) _____

9. Qual idade comercializa os animais? _____

Utiliza algum processamento ou corte para a comercialização?

Sim Não

Se sim, qual: _____

10. Quais raças compõem o rebanho de ovino da propriedade?

() Merino Australiano

() Ile de France

() Santa Inês

() Doper

() Morada Nova

() Somalis Brasileira

() Sulffolk

() Ovino Crioulo

() Outros: _____

11. Das raças da propriedade qual tem melhor saída de mercado?

12. Qual o maior entrave de acesso aos mercados:

() Serviço de inspeção

() Preço

() Quantidade ofertada

() Pagamento (calote)

13. Já fez ou pensa em fazer parcerias?

() Sim () Não

Se sim, com quem: Supermercados, Empórios, Restaurantes, Grupos de Consumidores, Frigoríficos...

14. Onde é realizado o abate de animais e há pretensões de melhorar essa etapa? De que maneira?

15. Em qual época do ano é possível se notar uma maior procura pela carne ovina?

16. O que te levou a querer ser um criador de ovinos?

17. Na sua opinião, quais os principais pontos fracos e ameaças da ovinocultura?
